

Médicos debatem principais riscos dos adoçantes

17 NOV 1996

Especialistas brasileiros analisam nova pesquisa sobre o aspartame

Leneide Duarte

Depois da polêmica da sacarina e do ciclamato, chegou a vez do aspartame ir para o banco dos réus. Na semana passada, as agências de notícias divulgaram a pesquisa de John Olney, professor de psiquiatria da Universidade de Washington, nos EUA, que concluiu que a disseminação do aspartame no meio da década passada coincidiu com o aumento da incidência dos casos de tumores cerebrais, que passaram de 48 casos em um milhão, em 1970, para 53 casos em um milhão, em 1980.

— O aspartame não foi implicado como carcinogênico em estudos experimentais, mesmo em altas doses utilizadas por seres humanos. Os dados epidemiológicos disponíveis sobre a substância são limitados e carecem de um estudo mais profundo, já que sua aprovação é relativamente recente — afirma o Miguel Lemos Neto, professor adjunto de farmacologia da Uerj.

O médico Luiz César Póvoa, professor titular de endocrinologia da PUC e da UFRJ, também tranquiliza os consumidores desse adoçante artificial.

— A Sociedade de Endocrinologia Americana não fez nenhuma advertência a seus membros a esse respeito. O estudo deve ser muito recente e não há ainda estabelecida por nenhuma sociedade médica — diz.

Segundo os médicos, nenhum açúcar pode ser consumido sem limites. Póvoa diz que a proibição do ciclamato nos Estados Unidos até hoje, por suspeita de ser cancerígeno é meramente mercadológica. Ele garante que não há risco se essa substância for consumida dentro dos limites propostos pelo fabricante:

A sacarina já foi acusada de causar câncer na bexiga e quase foi proibida, em 1977, nos Estados Unidos. *Continua na página 3*